**“A solidão globalizada na infância e na adolescência”**

Tânia Abreu (coordenadora e relatora)

Ana Martha W. Maia, Anamaria Vasconcelos, Daniela Araujo, Mônica Hage e Valéria Ferranti

Colaboradores: Luiz Mena e Nayhara Reis (Tradução)

**Introdução**

O trabalho foi construído a partir de conversações e questionamentos na comissão criada para fazê-lo existir. Começamos pelo mais óbvio: Como abordar a solidão, considerando que não é um conceito psicanalítico, mas um tema, que pode ser tomado tanto como fenomênico - o que encontramos na clínica ou na civilização como manifestação de um *sentimento de solidão*, como nos diz Bassols[[1]](#footnote-1) -, quanto do ponto de vista estrutural ligado à não existência da relação sexual? Encadeada a esta questão está a solidão do Um, solidão do gozo, que diferencia solidão de isolamento e segregação. A clínica do autismo surge como a mais autêntica das experiências de solidão. À marca psicanalítica da solidão, encarnada no ato de fundação da Escola por Lacan quando afirma: “Fundo - tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica...”[[2]](#footnote-2) adicionamos o desafio lançado por Miller[[3]](#footnote-3), do trabalho em instituição, “soma de solidões subjetivas”, sem perder a solidão do Um.

A globalização levantou o questionamento: como crianças e adolescentes vivem a pulsão no momento atual da civilização? Quando a expressão "aldeia global[[4]](#footnote-4)" ainda é usada para definir o mundo atual, o que é realmente globalizado? A “aldeia” é um lugar pequeno, onde todos se conhecem. Sabemos que, se por um lado, a internet e suas redes aproximam, por outro comprometem os laços sociais. Deste laço, abordaremos as relações entre as telas e o *parlêtre*, a partir da questão: quem é sujeito e quem é objeto neste par?

**1)Solidão estrutural, sentimento de solidão.**

Em “Inibição, sintoma e ansiedade” Freud[[5]](#footnote-5), diz a Otto Rank, sobre o trauma do nascimento, que o trauma é da separação da mãe como objeto primordial. A solidão estrutural estaria ligada à perda do objeto, a solidão do ser no mundo, portanto, seria uma experiência de angústia. Um afeto que não engana. Experiência da simbolização do *fort-da*.

Com Lacan, a perda do objeto vem acrescida do encontro traumático com a linguagem. O EU poderia trazer a *ilusão* da unidade onde o *sentimento de solidão* encontra o abrigo narcísico necessário para compor respostas subjetivas que recobrem a barra posta no sujeito pela linguagem. Para Bassols[[6]](#footnote-6), o S barrado é a solidão estrutural, a da falta a ser e que, oposto ao *sentimento de solidão* que tende a “anular” a falta do Outro, “é uma solidão que supõe um laço com a pergunta pelo desejo do Outro”. A solidão estrutural implica um laço com o Outro.

No primeiro Lacan, seria contraditório falar em solidão do sujeito, já que este estaria na “companhia” do Outro, sendo a partir dele que se constitui.

Nos anos 70, Lacan destaca que o Outro não existe; falta o Outro do Outro. O que se encontra é o Um, o Um do gozo, diferenciado do Um da repetição, considerando que o gozo não é relação, mas a negação desta.

Há consequências para a inexistência do Outro, daí a solidão estrutural ser tomada pela inexistência da relação sexual. Para Esqué[[7]](#footnote-7), “A referência ao Outro fica eclipsada e reformulada pelo Um da existência e do gozo, pelo significante real: Há Um e existe apenas o Um”. Assim, é possível tomar o Um como homólogo à solidão estrutural.

Há os Uns e o Um. Uns fazendo série na cadeia associativa, capitaneada pelos significantes mestres com os quais o sujeito está identificado e o Um-sozinho, traço unário que, ao sulcar o corpo, permite a chuva de significantes. Um sozinho que não entra em nenhuma série. Cabe, a cada um, o destino desta solidão do Um.

Miller[[8]](#footnote-8) afirma: “Há-um. No cerne do presente seminário esse aforismo, que passara despercebido, completa o ‘Não existe’ da relação sexual, enunciando o que há. Entenda-se o Um-sozinho. Sozinho em seu gozo (essencialmente autoerótico), assim como em sua significação (fora da semântica).”

*Um* associado ao gozo e que se inscreve no corpo, primeira superfície de inscrição do Um, Pedaços da língua em pedaços do corpo. Há coalescência entre o que foi ouvido e o pedaço do corpo marcado e a chamamos autismo do corpo – que não é o autismo do sujeito. Trata-se do real fora do discurso que, ao marcar o corpo, produz autoerotismo, *autismo nativo*. Diz Tendlarz: “O gozo é sempre autoerótico, autista, nesse sentido, mais além do tipo de laço que prevalece em nossa contemporaneidade. A expressão "autismo generalizado" nomeia o gozo, supõe o laço com o outro, mas sem que essa generalização implique um diagnóstico. Miller indica que o autismo, no sentido amplo, é uma categoria transclínica: é o estado nativo do sujeito a quem se acrescenta o laço social[[9]](#footnote-9)”. O primeiro estatuto do sujeito não é o laço com o Outro, mas o gozo autista da solidão estrutural. É o que se verifica no infantil, onde o corpo próprio como objeto sexual é tomado como ponto de partida. Solidão que o sujeito desfruta na liberdade da perversão polimorfa.

Lacan chamará de *lalingua* os *Um* inscritos, no corpo, articulados em uma língua própria que se encarnará no corpo do vivente - marcado pelo choque com a linguagem – t*roumatisme.* No Seminário 20[[10]](#footnote-10), ele propõe que o inconsciente é uma “elucubração de saber sobre *lalingua*” saber que enlaça corpo – suporte da inscrição do Um – ao inconsciente, permitindo fazer laço.A elucubração de saber é um modo de tratar a solidão estrutural própria ao Um.

Lacan afirma que há uma substância gozante que faz obstáculo à relação sexual. O gozo é solitário. Não se goza do corpo do Outro porque este é meio para o próprio gozo. Há gozo, mas não há relação sexual. Se não apostamos na relação sexual, rompe-se a comunicação também, uma vez que a linguagem não serve apenas para comunicar, mas para gozar. *Lalíngua* não é comunicação, mas gozo. “Fala-se sozinho”[[11]](#footnote-11), somos autistas no nível do gozo.

Diz Miller[[12]](#footnote-12) que “o único que põe ordem nesta solidão semântica absoluta, e paralela à solidão do gozo, é estar tomado no discurso, em um laço social”. Frente à impossibilidade da relação sexual, aparecem os discursos, como suplência, porém há na solidão, para todo sujeito, o real de um impossível que não se apagará nunca.

**2) Solidão e laço social.**

Prosseguindo com Miller[[13]](#footnote-13), privilegiamos as instituições e seus discursos, para discutir a solidão globalizada da criança e do adolescente tomados enquanto “objeto *a* liberado[[14]](#footnote-14)” em tempos em que o Outro não tem mais a consistência fálica de antes. A questão foi: Como estão sendo acolhidas hoje crianças e jovens nas famílias e instituições? Observações apontam para situações que segregam, desamparam, quando sua função seria fortalecer laços, pelo viés do acolhimento.

Drummond[[15]](#footnote-15)lembra Lacan ao mencionar que, quando o “para todos” está em jogo, anulando as “diferenças em seu lugar de certa forma natural, estas tenderiam a se reconstruir no próprio seio do universal, sob a forma de múltiplas segregações”. A segregação seria assim a forma contemporânea de tratar as diferenças. O que pode ser localizado na vinheta de Marcos.

Marcos é um adolescente psicótico que sempre estudou em colégio tradicional. A mãe resolve colocá-lo, em uma sala de educação especial, para fazer amigos. Os alunos apresentam, em sua maioria, Síndrome de Down. Marcos fica bastante inquieto e, ao contrário do que os pais pensavam, não consegue se relacionar. Torna-se agressivo e reativo às tarefas escolares. Em análise, conta que tem sido agressivo na escola, sim, e diz: "mas é que aqueles meninos com a cara tão diferente me deixam muito aperreado!"

A solidão de Marcos é consequência da política do “para todos” que, com seu discurso esmagador, perturba o adolescente e seu corpo.

Lacan[[16]](#footnote-16), ao tratar de “segregação” da criança, não o faz a partir de uma equivalência com os direitos que tem e lhe são negados, mas a partir do fato de se negar que crianças gozam. Crianças e jovens têm que responder ao Outro do gozo, do desejo e da linguagem de maneira singular. É o que lhes resta nos tempos de declínio do NP, controle da infância, da família e predomínio do discurso capitalista. Como pensar solidão da criança e dos jovens hoje, sem vitimá-los?

Outra consequência das perturbações do laço social, advém do controle da infância, próprio da contemporaneidade, que inventa leis e normas com o objetivo de criação da criança ideal,que se torna aparelho de controle de sua família nas sociedades democráticas. “A criança está sob controle desde o momento da procriação[[17]](#footnote-17)” e as famílias são vigiadas, através dos filhos, pois “a criança objeto de vigilância é, ao mesmo tempo, objeto do ideal e da paixão[[18]](#footnote-18)”.

Nasce uma menina, quinta filha de uma mulher que foi expulsa da favela pela história de abuso sexual de duas filhas, que resultou no assassinato do pai, por traficantes. A mulher vai para um abrigo e as filhas, separadas, para outro. Conta para assistente social que a história não é verídica, mas fruto de fantasias edípicas de uma das filhas. Busca um emprego para, ao menos, ficar com a bebê, pensando também em recuperar as filhas. Logo depois, é pega usando maconha com o namorado e a bebê é levada para adoção[[19]](#footnote-19).

Nos impasses da civilização, o discurso do mestre promove a solidão da massa, ao impor um ideal. A questão é como realizar um trabalho em instituição, “soma de solidões subjetivas[[20]](#footnote-20)”, sem perder de vista a solidão do Um. Possibilitar invenções singulares, e não cair em generalizações protocolares. Afinal, “[...] nem toda diferença é segregativa. Aquelas que o são levam ao silêncio[[21]](#footnote-21)”.

A criança e o jovem permanecem no centro de querelas que envolvem a família, a escola, a ciência com a tecnologia de reprodução, o jurídico com novas leis de adoção,como objeto de gozo dos pais e do Outro de nossa época, conforme ilustram situações vividas nas instituições. É o que relatam participantes de um laboratório do CIEN-Rio:

No caminho para a sala da Direção de um colégio, anunciam os cartazes: “Violência, NÃO!”. Na sala, um menino faz deveres, de castigo, quando é surpreendido pelo grito de uma diretora, pois um vidro de adoçante foi derramado sobre seus papéis. “Tinha que ser você, não faz nada que preste!”. Ele diz que não foi ele. “Qual é a outra criança que está nesta sala, heim?!” Pouco depois, dois meninos entram e outra diretora grita: “eu não acredito, você está machucado de novo!” Havia perfurado a perna com um ferro. “Mostre este dedo para elas!”. Em silêncio, ele mostra o dedo cheio de pus. As diretoras prosseguem nas queixas, até que uma delas se lembra do adoçante e diz: “vou te dar um soco na cara!”. A outra completa: “devia pingar todo o adoçante no nariz dele![[22]](#footnote-22)”.

As vinhetas ilustram inquietações em torno do modo como as instituições estão “acolhendo” os jovens e crianças e constatamos que, as vezes, aquilo que tem como propósito incluir, exclui fomentando o *sentimento de solidão*.

**3) Outro e a globalização do gozo.**

A partir da globalização, discutiremos outro modo contemporâneo de tratar a criança e o adolescente como objeto de gozo do Outro: a relação com a tela.Questionamos: o que é globalizado no século XXI?

Há uma nova relação com o saber que passa pela noção de objeto, pois é ele que se interpõe nas relações do sujeito com o significante, prometendo um saber universal, que não se concretiza.O Outro do saber é barrado e este objeto mudou de natureza, pois os  *gadgets* trabalham, não no sentido do laço social, mas no sentido de um gozo autista que fomenta o *sentimento de solidão*. Entretanto, verificamos que não se pode fazer esta dedução nostálgica tão diretamente e elegemos três usos das telas, entre outros.

3.1) Quando a tela estabelece ou mantém laços sociais – fazendo dela um bom uso\_ como crianças que se utilizam de redes sociais para se apresentar a outras , mas transcende delas e passam a contatar com os outros, no corpo a corpo das conversas e brincadeiras infantis.

3.2) Quando a tela é via para a própria edição da estruturação do sujeito. Como a criança que estabelece uma relação onde a tela está, mas não-sempre e não-toda. Suporta a ausência da mesma, mas é pelo virtual que pode consistir seu corpo e constituir sua imagem.

3.3) Quando a tela sidera e mantém-se uma relação de adicção com a mesma –trata-se de mau uso. Lacadeé[[23]](#footnote-23) lembra que, desde Freud e Lacan, a criança é submetida, por estrutura, como sujeito, à pressão do objeto perdido e a seu gozo. Assim, tomadas pela insaciável necessidade de recuperar o gozo mítico, crianças e jovens, não todos, se vêem presos com seus corpos a esta ilusão de satisfação, prometida pelos *gadgets*.

Laurent,[[24]](#footnote-24) ao ler a atualidade, discorre sobre a solidão da criança frente à tela que olha a infância – globalmente negligenciada –, ocupa-se dela e cria dependência, que retornará na adolescência em sua vertente drogas. Afirma que, essa oferta de objetos de gozo imediato - telas e drogas - esconde que, sob a oferta, há uma demanda. A criança está como objeto de gozo que contraria a posição da criança como ideal no desejo dos pais. Interrogamos: na relação criança x tela, quem é o sujeito e quem é o objeto? Ou a clínica contemporânea do infantil seria um campo *princeps* para se pensar uma confusão entre sujeito e objeto tal como vemos no gozo auto-erótico, o do corpo-próprio?

Tais questões levam ao Seminário 11[[25]](#footnote-25), ao olhar e anamorfose. Lacan esboça ali que, só vemos de um ponto, mas somos olhados de toda parte pelo “espetáculo do mundo”, que é *onivoyeur.* Daí a hipótese: Entre a tela e a criança há uma relação de engodo? A tela funciona como o espetáculo do mundo que nos olha, olha a criança como objeto. A criança, ao aí permanecer, não cumprindo as etapas de efetuação do sujeito - alienação e separação - entra na tela como parte da cena. Lacanaponta que um sujeito é preso, captado por aquilo que se enquadra à sua vista, logo, por aquilo que alcança ver em um quadro.

Neste contexto, porque a tela adquiriu tal estatuto na contemporaneidade, paralisando os corpos? O silêncio aí implicado, denuncia a aliança entre o acéfalo da pulsão e os *gadgets,* como a natureza do Outro na contemporaneidade.

Onde está o Outro do simbólico ? Parece que estamos diante de um Outro que ou olha demais, ou olha de menos. Como exemplo vemos, em um café, uma criança, de 3 anos, que se encontra encostada na mãe, mexendo no *tablet* e, ao mesmo tempo, recebendo sopa da babá. Já que o Outro se apresenta inerte, a tela aparece.

Segundo Charraud,[[26]](#footnote-26) a internet tornou-se o Outro da contemporaneidade, decorrência do declínio do NP, aparecendo para alguns como não furada, inconsistente, não resposta ao *Che Voi.* São os adictos da tela. A conseqüência imediata é que não há uma direção ao desejo, permanecendo o jovem ou a criança sob o domínio do império do gozo. Estes são os efeitos da globalização do gozo com os quais o analista tem que saber-fazer. Império das imagens, assim descrito por Hector Gallo: “sustentar que este último passou a imperar em nosso tempo na abordagem da realidade, implica que o Nome do Pai perdeu seu lugar como instância ordenadora que instaura enovelamentos essenciais, pacifica as armadilhas do imaginário e porta uma interdição sobre o gozo primordial[[27]](#footnote-27)”.

O império do gozo do Outro, através de seu discurso esmagador, tem se materializado por toda a “aldeia global”, como nos fenômenos japoneses descritos por Lebovits-Quenehen[[28]](#footnote-28). Sejam as “namoradinhas virtuais” que fazem a relação virtual existir, pois não mentem, não enganam. Ou os jovens, quase sempre do sexo masculino, que se isolam com suas telas – prisões do olhar – os *hikikomori*.

**Para concluir.**

Aos analistas cabe, pelo amor de transferência, ocupar o lugar, não de uma tela a mais, mas de um parceiro que possa ler, interpretar e responder a partir da nova ordem simbólica que favoreceu a ascensão da desordem do real. Fazer uso, do que Lacan afirmou: “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo[[29]](#footnote-29)”. Importa que na análise, a partir do virtual, se possa construir e reeditar a tela da fantasia.

Pode o analista, instalar-se na falha do saber promovido pelos *gadgets*, sintomatizando a relação com estes, pois, ao estilo do Inconsciente, cada pergunta dirigida ao *Google* admite uma série de respostas. Que se retire da globalização do gozo, o singular.

1. BASSOLS, Miquel. *Soledades II*. In: Desescrits. Disponivel em http://miquelbassols.blogspot.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. LACAN, Jacques. *Ato de fundação*. In: Outros Escritos, Trad. De Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. RJ: JZE, 2003, p. 235-247 [↑](#footnote-ref-2)
3. MILLER, JÁ. *Teoria de Turim*: sobre o sujeito da Escola: de onde vem os analistas. In: Latusa., EBP-Rio. n. 06, 2001. [↑](#footnote-ref-3)
4. “Aldeia Global” é um termo criado pelo filósofo canadense [Herbert Marshall McLuhan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan), com o intuito de indicar que as novas tecnologias eletrônicas tendem a encurtar distâncias e o progresso tecnológico tende a reduzir todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia: um mundo em que todos estariam, de certa forma, interligados (Fonte: Wikipidea). [↑](#footnote-ref-4)
5. Freud, S. (1996). *Inibições, sintomas e ansiedade* (Ed Standard Brasileira das OPCF, V. 20).RJ: Imago. 1926 [1925]). [↑](#footnote-ref-5)
6. BASSOLS, Miquel. *Soledades y estruturas clínicas.* In: Revista Freudiana :Lazos y soledades: toxicoman. Publicação da EEP. Ed Paidós.n.12, 1994,p.23-27 [↑](#footnote-ref-6)
7. ESQUÉ, Xavier. *Um (Há Um*). In Sicilicet: Um real para o século XXI. EBP: Scriptum, p.395-397 [↑](#footnote-ref-7)
8. MILLER, J.A. In: *O Seminário, livro 19:…ou pior/Jacques Lacan.* Trad: Vera Ribeiro. RJ: JZE, 2012. Contra*-* capa. [↑](#footnote-ref-8)
9. TENDLARZ, Silvia E. *Crianças autistas*. Disponível em: http://www.silviaelenatendlarz.com/index.php?file=Articulos/Autismo/Ninos-autistas\_PT.html [↑](#footnote-ref-9)
10. LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 20*: Mais, ainda. RJ: JZE., 1985 [↑](#footnote-ref-10)
11. \_\_\_\_\_\_,*O Seminário: livro 24*: L'insu qui sait de l'une bévue s'aile a mourre. Inédito. 1977 [↑](#footnote-ref-11)
12. MILLER, JA. *A fuga do sentido*. Um a um, n. 42. Eolia-Paidós. 1995. [↑](#footnote-ref-12)
13. MILLER, JA. *Idem.* [↑](#footnote-ref-13)
14. Lacan (*O Seminário: livro 16*: De um Outro ao outro), a criança tomada não como ideal dos pais, mas como objeto de gozo. [↑](#footnote-ref-14)
15. DRUMOND, C. *Narcisismo das pequenas diferenças e segregação*. In: Curinga 10, Revista da EBP-MG, 1997. [↑](#footnote-ref-15)
16. LACAN, Jacques. *Alocução sobre as psicoses da criança*. In: Outros Escritos, Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. RJ: JZE, 2003, p. 359-368. [↑](#footnote-ref-16)
17. LAURENT, Éric. *A crise do controle da infância*. In: Otoni, F. e Santiago, AL. (orgs) Crianças falam e têm o que dizer – experiências do CIEN no BR. BH: Scriptum, 2013, p.39. [↑](#footnote-ref-17)
18. IDEM. p.42. [↑](#footnote-ref-18)
19. MAIA, AMW; FLEURY, GE; LIMA, J*. Tudo isso porque nasceu um bebê*. CIEN Digital 10, 2011. [↑](#footnote-ref-19)
20. MILLER, J.A. *Teoria de Turim*: sobre o sujeito da Escola. De onde vem os analistas. Latusa: Revista da EBP-Rio, n. 06, 2001. [↑](#footnote-ref-20)
21. LAURENT, Éric. ......, 1998, p.16. [↑](#footnote-ref-21)
22. MAIA, AMW e NUNES, A. *Num pedacinho azul de papel*: trauma e invenção. CIEN Digital 16, 2014. [↑](#footnote-ref-22)
23. LACADEÉ, P. *A bússula do sim e do não.* In: CIEN Digital n.16. agosto/2014. [↑](#footnote-ref-23)
24. LAURENT, Éric. *A crise do controle da infância*. In: Otoni, F. e Santiago, AL. (orgs) Crianças falam e têm o que dizer – experiências do CIEN no Brasil. BH: Scriptum, 2013, p.42. [↑](#footnote-ref-24)
25. LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, trad: MD Magno, RJ :JZE, 2008. [↑](#footnote-ref-25)
26. CHARRAUD, Natalie. *Internet: uma nova figura do Outro?,* In: LC, n. 486, 2015. [↑](#footnote-ref-26)
27. GALLO, Hector. *O império das imagens*, 2015. Disponível em: http://oimperiodasimagens.com.br/pt/textos/ [↑](#footnote-ref-27)
28. LEBOVITS-QUENEHEN, Anaelle. *Japão: de volta para o futuro*. IN: Lacan Cotidiano, n. 320, 2013. [↑](#footnote-ref-28)
29. LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 10*: a angústia, trad. Vera Ribeiro, versão final Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. [↑](#footnote-ref-29)